

A busca pela autonomia das bordadeiras de Viana do Castelo: Novas perspetivas através da lente do design

The quest for autonomy of the embroiderers of Viana do Castelo: New perspectives through the lens of design

334

Miriam Zanini

ORCID ID 0000-0002-3554-584X
up201902597@fba.up.pt
ID+

Mónica Prozil

mn.prozil@gmail.com
Manager in Marta Prozil, atelier de artesanato

Heitor Alvelos

ORCID ID 0000-0003-0119-4583
halvelos@fba.up.pt
Universidade do Porto

DOI:
10.48528/pbag-9511-25

Este estudo ambiciona contribuir para a melhoria das relações e processos produtivos/económicos das bordadeiras dos bordados de Viana do Castelo, Norte de Portugal.

Bem como contribuir para dar visibilidade e autonomia a este grupo de mulheres. Um conjunto de técnicas, padrões e composições têxteis reconhecidas e associadas a um lugar de nascimento e origem, que após um século está sedimentada como património cultural: O bordado de Viana do Castelo, exuberante, de cores fortes, técnica impecável e composições delicadas e precisas.

Após 10 anos da sua certificação, verificamos que a não inovação, e a constante repetição dos mesmos motivos (a maioria dos riscos bordados ainda hoje, foram feitos no começo do século XX), nos colocam diante de uma estagnação criativa que conduziu ao desinteresse, provocado em larga medida pela comercialização excessiva e abastardamento do bordado, que ocorre gradativamente com um menor interesse pela execução desta atividade e ausência de novas bordadeiras a par do envelhecimento das bordadeiras ativas.

Observamos também uma cruel realidade, a atividade das bordadeiras é totalmente invisibilizada trazendo-lhes constrangimentos econômicos que a par da desvalorização desta mão de obra extremamente especializada, soma-se a baixa autoestima, falta de reconhecimento e de pertença a um grupo profissional. Uma forte contradição quando pensamos em um objeto único, com muitas horas de trabalho e executado manualmente.

É necessário entender o contexto local – o território e a maneira em que estes produtos são concebidos e produzidos – compreender as relações que se formam em torno da produção e do seu consumo. O design pode contribuir nessa complexa tarefa de mediar produção e consumo, tradição e inovação, qualidades locais e relações globais.

Nossa metodologia será a etnografia, que permitirá entender as bordadeiras, suas percepções e comportamentos. Através de análise documental, entrevistas, depoimentos, consultas a bancos de dados, faremos mapeamento das bordadeiras e atores da cadeia produtiva do Bordado de Viana do Castelo.

Realizaremos Workshops Técnico/produtivos e uma publicação – O Manual Técnico dos Bordados de Viana do Castelo.

Esta abordagem metodológica poderá ser reutilizada em territórios onde ofícios tenham problemáticas semelhantes em sua cadeia produtiva.

This study aims to contribute to the improvement of the relationships and productive/ economic processes of Viana do Castelo embroiderers, in the North of Portugal. As well as to subsidise a new visibility and autonomy to this group of craftswomen.

An array of techniques, patterns and recognized textile compositions which is linked to a birthplace and origin, are showed a century later, as sedimented cultural heritage.

Palavras-chave

Design e Artesanato
Gênero e Bordado
Ofícios Tradicionais Portugueses

Keywords

Design and Craft
Gender and Embroidery
Portuguese Traditional Crafts

The embroidery of Viana do Castelo is lush with strong colours, with impeccably workmanship and dedicated compositions.

Ten years after the Viana do Castelo embroidery certification process was concluded, we find a lack of innovation as well as a constant repetition of the same patterns in this embroidery, which put us in front of stagnation in terms of creativity. This has led to a certain disinterest, largely caused by the excessive commercialization and degeneracy of embroidery. At the same time, fewer and fewer women showed interest in this activity throughout time. There are no new women embroiderers in this activity and the existing ones are aging.

Meanwhile we can observe an unsympathetic reality: the activity of embroiderers is completely invisible, bringing them economic constraints that, along with the devaluation of this extremely specialized workforce, are added to low self-esteem, lack of recognition and lack of belonging to a professional group. This indicates a strong contradiction when we think in a unique object such as handmade embroideries, manufactured after long hours of work.

It is necessary to understand the local context – the territory and the way these products are conceived and produced – to understand the relationships between production and consumption. Design can contribute to this complex task of mediating production and consumption, tradition and innovation, local qualities and global relationships. Our methodology will be an approach to ethnography, which will allow us to understand the embroiderers, their perceptions and behaviours. Through document analysis, interviews, testimonies, databases consultations, we will map the embroiderers and actors in the production chain of the embroidery in Viana do Castelo. We will develop Technical/Productive Workshops and a publication – The Technical Manual of Embroidery of Viana do Castelo.

This methodological approach can be reused in territories where crafts have similar problems in their production chain.

Introdução

O bordado de Viana do Castelo, objeto de certificação desde 2012 a par com a publicação do Caderno de Especificações do Bordado de Viana do Castelo, que suporta o processo de certificação, assistiu a um momento de definição. Também de catalogação de pontos e identificação de temas ou gramática decorativa, que tornam este bordado individualizado relativamente a outros de outras áreas geográficas do país. Procurar o momento inicial ou o ponto de partida daquele que veio a ser chamado de “bordado de Viana do Castelo” obriga-nos a olhar a sua história, que tem como ponto de partida o início do século XX.

Depois de identificar as suas impulsionadoras, que se dedicaram a esta atividade de produção de bordado, assistimos à singularidade que foi a sua comercialização,

mais propriamente que a realização de um labor feminino que compreendia o dever de formar enxoval.

Identificação do problema

Se o nome das impulsionadoras desta indústria de manufatura que envolve criatividade, e sentido de estética é conhecido, já o das bordadeiras que executam os trabalhos com dedicação e perícia técnica: pouco se sabe. Formaram a base onde assenta toda uma cadeia produtiva que culmina com a comercialização do bordado local numa loja da cidade, ou em outros pontos do país e estrangeiro, mostrando-se invisíveis.

Este estudo pretende assim, lançar algumas pistas sobre o papel desempenhado pelas mulheres bordadeiras durante gerações, e saber qual o seu contributo para esta indústria. Procura-se identificar que tipo de relação, e qual o grau de poder e autonomia estas bordadeiras possuem em todo este processo produtivo, ou seja, com os comerciantes e com os armazenistas e fornecedores.

Para tanto é necessário avaliar até que ponto, as bordadeiras são meras executoras de um decalque previamente feito onde apenas só bordam, ou se são capazes de criar os seus próprios desenhos. Se por exemplo possuem um portefólio de "riscos". Se em algum momento foram responsáveis pela inovação técnica de padrões ou produtos bordados. Ou se o valor do seu trabalho foi estipulado por elas ou por outros intervenientes.

Levando em consideração que sem as bordadeiras não existia o bordado de Viana do Castelo, com as características estéticas e de design que hoje conhecemos, urge reconhecer o trabalho destas mulheres que bordam e bordaram por gerações, como uma atividade económica que gera valor; mas que extravasa em muito esse carácter económico. É, pois, uma atividade que alimenta uma forma de afirmação cultural de uma região, ao exhibir-se em festas e romarias os trajes tão ricamente bordados. Sendo as bordadeiras as guardiãs do saber fazer e de um conjunto de técnicas, é urgente que a base desta cadeia produtiva tenha visibilidade, rosto, e seja valorizada.

Metodologia

Este artigo é um retrato de uma investigação em andamento, iniciada com o mestrado de Miriam Zanini (defendido em 2021) com o título: Designers e Ofícios Tradicionais: olhar para o passado em busca de um novo futuro. A Ressignificação dos Antigos Ofícios na Formação de Estudantes de Cursos Superiores de Design:

O Estudo de Caso dos Lenços de Amor. E que agora tem continuidade no doutoramento (iniciado em 2021): Dinâmicas entre o Design e Ofícios Tradicionais Portugueses: um modelo curricular colaborativo para o Ensino Superior de Design. O estudo de caso dos bordados do Norte de Portugal.

À semelhança do estudo realizado com os lenços de amor, o método será a pesquisa etnográfica, definida Wasson (2000), como a descrição e explicação da cultura de um grupo de pessoas. E que nos permite entender as bordadeiras e a cadeia do bordado, como agem, quais suas atitudes, o que desejam, suas percepções e comportamentos.

Conhecemos mais que dados e números, nos aprofundarmos no universo destas mulheres, nos dando um retrato real e humano sobre elas.

Inicialmente partiu-se para uma análise de campo e um processo de aprofundamento das tipologias e concelhos onde encontram-se as bordadeiras. Posteriormente, iniciou-se a busca por bibliografia, artigos, matérias jornalísticas, notícias e sites.

A etapa em andamento é das entrevistas. Serão realizadas duas categorias de entrevista: exploratórias e prospectivas. Iniciamos com uma listagem das bordadeiras dos concelhos de Viana e um guião, as entrevistas serão semiestruturadas e em *snowballing*, com o objetivo de se estabelecer uma conversa fluída e natural, que não cause constrangimentos e que permita consolidar uma certa relação de cumplicidade. Até a escrita final deste artigo realizamos entrevistas com três bordadeiras de Viana do Castelo: Dna. Albertina Amorim de 49 anos e sua mãe Dna. Maria dos Prazeres Esteves Ribeiro de 69 anos e a Dna. Marta Prozil de 69 anos, que além de exímia bordadeira é também responsável por UPA's com venda de bordados de Viana certificados.

Para cada entrevista será redigido um relatório pessoal com anotações relevantes que ajudarão a compreender o campo a ser estudado. Estas entrevistas contribuirão para a linha condutora da investigação.

Etapas metodológicas: ´

Etapa 1: Revisão de literatura - em andamento

Está a ser realizada em Bibliotecas, Museus, Acervos pessoais, Acervos de instituições como associações e juntas de freguesia, Acervos e páginas online.

Etapa 2: Recolha e arquivamento de elementos gráficos – os riscos dos bordados - em andamento

Recolha que pretende identificar elementos gráficos que já não se usam hoje em dia e também os atuais. Está a ser realizada em Bibliotecas, Museus, Acervos

pessoais, Acervos de instituições como associações e juntas de freguesia, Acervos e páginas online, anúncios online de venda de peças históricas e recentes.

Etapa 3: Mapeamento da cadeia produtiva - em andamento

Através de anúncios e matérias em jornais locais pudemos verificar as primeiras citações sobre lojistas e feiras onde o Bordado de Viana aparece.

Para entender a cadeia local será realizado buscas em associações comerciais das freguesias e acervos pessoais. Também se pretende realizar entrevistas com lojistas, armazenistas, fornecedores de matéria prima e consumidores.

Etapa 4: Mapeamento das bordadeiras – em andamento

Busca em documentos de instituições como: CEARTE, Associações comerciais, Associações de artesãos, Juntas de freguesia.

Etapa 5: Entrevistas e depoimentos – em andamento

Etapa a ser executada em campo, nas casas das bordadeiras, onde pretendemos obter: dados pessoais e familiares; trajetória pessoal; motivação para bordar; depoimentos voluntários; registo fotográfico da bordadeira e seu ambiente de trabalho;

Etapa 6: Workshops com as bordadeiras

Esta atividade pretende repassar todo conteúdo desta investigação e, também, uma formação de como o bordado de Viana pode ser executado desde o começo do processo. Da criação de um novo risco até como vender seu produto. Esta atividade busca dar autonomia total para as bordadeiras possam ter controle total sobre sua produção e ganhos financeiros.

Etapa 7: Exposição itinerante

Criação de uma exposição que passará por todas as freguesias de Viana, bem como outras localidades que desejem conhecer sobre as bordadeiras e bordados de Viana. Pretende-se ter como conteúdo: fotos das bordadeiras, nome e morada; trabalhos das bordadeiras; fotos dos bordados identificados com o nome de quem o bordou e o resultado dos workshops.

Etapa 8: Manual técnico dos bordados de Viana do Castelo

Ele trará um catálogo das formas que compõem o Bordado de Viana e poderá abrir novos caminhos para composições livres e criativas que repesquem elementos ou técnicas caídas em desuso com novas aplicabilidades, ou ainda temas livres para outros trabalhos exploratórios; recriando e revitalizando um saber e técnica que está no seu conteúdo e forma refém de uma época e gosto clássico.

Traria também conteúdos como: Passo a passo do desenho, da composição, do

reconhecimento das formas e padrões, brincar com as variações de tamanhos e posicionamento das figuras até o desenho final no papel vegetal, como passar o desenho para o tecido, a escolha de cores e pontos, entre outros.

Desenvolvimento

Viana do Castelo, foi elevada a cidade a 20 de janeiro de 1848 no reinado de D. Maria II. Situa-se na costa litoral norte de Portugal, na região do Alto-Minho integrada na sub-região NUT III. Viana do Castelo é sede de município e concelho com 27 freguesias. Possui 319,02 km² de área e 85 784 habitantes¹.

O rio Lima atravessa o concelho e divide as freguesias a norte e a sul. As freguesias das suas margens são conhecidas por freguesias ou terras da Ribeira Lima (Paço, 1979, p.18), zonas onde há notícia das primeiras bordadeiras ligadas à produção de bordados, como: Santa Marta de Portuzelo, Meadela, Perre, Outeiro, Serreleis, Cardielos, Santa Leocádia de Geraz do Lima. As freguesias da orla marítima compreendem Areosa, Carreço e Afife. Há notícias da produção deste bordado de Viana do Castelo também em Ponte de Lima, Caminha e outras zonas fora do concelho (Pires, 2009, p.169).

Devemos ter presente que o bordado é uma criação e herança cultural, feita por apropriação e moldagem ao sentido do gosto, sensibilidade, criatividade, e sentido de estética de quem o produz para cumprir um propósito. O traje feminino de festa usado pelas camponesas e mulheres de Viana do Castelo e suas freguesias vizinhas, do final do século XIX, é prova disso; começou por ser produzido pelas próprias e embelezado com bordados, numa lógica de “auto-consumo”³. Por via das transações comerciais e inovações técnicas na área têxtil, foram introduzidas em Portugal outras fibras para além do linho e lã: o algodão, assim como tecidos industriais, químicos para tingimento de fibras, etc. Todos estes aspetos conjugados com uma população rural feminina que sabia fiar, tecer e bordar as peças dos seus trajes, irão formar a base onde irá assentar a futura indústria dos bordados de Viana do Castelo.

“Estas [camponesas] bordavam artisticamente o seu vestuário, desde a camisa até ao lenço de mão. Se examinarmos os riquíssimos trajes das aldeias interiores do concelho de Viana, as suas maravilhosas camisas de linho caseiro, os bordados nas ombreiras e punhos, e os lenços de mão feitos com tanto carinho pelas moças casadeiras, encontramos aí a origem de todos os pontos e desenhos hoje divulgados nos nossos bordados regionais.”⁴

Também a esse propósito Ana de Castro Osório que em 1916 em visita Viana do Castelo refere-se:

“Esse bordado caprichoso, duma graça primitiva e quasi bárbara, é usado desde tempos imemoriais pelas mulheres desta região. Como adorno das camisinhas de

¹Dados portal do INE. Censos 2021. Em linha. https://censos.ine.pt/scripts/db_censos_2021.html

²D. Geminiana Branco, surge na imprensa da sua época como impulsionadora desta actividade; a bibliografia acerca do assunto é unânime em cita-la. Não esquecer no entanto que iniciativas semelhantes à época, como as de Geminiana, foram promovidas com a intenção de sublinhar um carácter etnográfico, mas de base urbana. E por isso somos levadas a concordar com António Medeiros, “Uma Imagem da Nação” (Medeiros, Pereira, Botelho, 2009, p. 52). O facto de ter recebido boa imprensa não anula o facto de que precisou de exímias bordadeiras para elevar o seu trabalho, e cujos nomes são desconhecidos.

³Medeiros, Pereira, Botelho, 2009, p. 160.

⁴Melo, 1948, p.127.

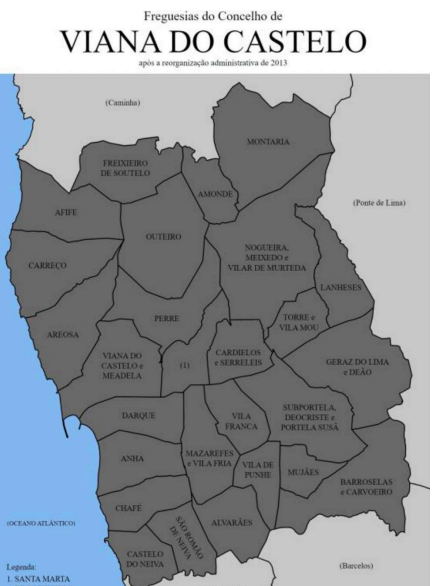


Fig. 1
Freguesias do concelho de Viana do Castelo: após reorganização administrativa de 2013 (Wikipédia)

mangas, dos lenços, e outras peças de indumentária do trajar. Executados com linha azul ou vermelha, sem desenho previamente debuxado, e por assim dizer saído do bico da agulha, que uma caprichosa e humilde fantasia vão guiando, são em grande parte feitos em ponto de cruz (e esta é a forma mais antiga) ou em ponto de haste, como agora se faz mais ligeiramente, com ornatos em cheio, nozinhos e alguns simples abertos.”⁵

Transformar um saber doméstico em uma atividade econômica, foi o grande feito de Geminiana Martins Branco Abreu Lima. Esta senhora nascida em 1 de novembro de 1887, no seio de uma família abastada, juntamente com a sua irmã Margarida Branco Cerqueira “estabeleceram padrões de superior inspiração” (Paço, 1979, p.18) quando iniciam a produção destes bordados, respondendo ao apelo feito pelas mulheres que lideravam a Cruzada das Mulheres Portuguesas no apoio às famílias e em particular às mulheres atingidas pelas condições difíceis em que ficaram após a entrada de Portugal na 1ª Grande Guerra. Em agosto de 1917, organiza no Sport Club Vianense uma exposição-venda de peças que havia encomendado de quatro bordadeiras, do que hoje se chama Bordado de Viana do Castelo.

Ainda durante sua visita a Viana, Ana de Castro Osório deixa-nos este testemunho: “D. Geminiana Branco que nos deu indicações preciosas sobre as indústrias de tecidos e bordados regionais, mostrando-nos o trabalho originalíssimo da aplicação dos bordados feitos pelas mulheres das aldeias circunvizinhas, em toalhas ricas de linho e outras peças de uso caseiro”⁶.

Seguem-se outras notícias do trabalho desenvolvido por Geminiana Branco e sua irmã a par de prêmios em exposições, de modo que nos anos 30 do século XX, a sua irmã possui já um estabelecimento comercial na cidade⁷. Outras famílias vão seguir as pisadas e o modelo de negócio criado por estas senhoras, de que há eco dos seus nomes na imprensa local da época. É o caso de Domingos Sousa Barbosa de Cardielos.

Relativamente à cadeia produtiva e forma de produção do bordado de Viana do Castelo, ele tem um processo em tudo semelhante à produção dos restantes bordados (Pires, 2009, p.169).

Por norma as casas comerciais da cidade dispõem das matérias primas: tecidos e linhas que entregam às bordadeiras, sendo estas pagas à peça e não à hora.

Em outros casos estas casas comerciais ou armazenistas tem uma pessoa a quem “contratam os trabalhos”, fornecendo apenas as matérias-primas. Estas mulheres intermediárias recrutam nas aldeias as bordadeiras, estabelecendo o preço e tirando para si uma pequena margem. Estas bordadeiras que trabalham para intermediárias não tem autonomia nem visibilidade, pelo que nem o comerciante ou armazenista sabe da sua existência.

Esta prática posta em evidência por António Paço, é ainda hoje corrente. Aten-te-se no depoimento recolhido por este autor, de duas irmãs bordadeiras, Irene

⁵ Osório, 1918. p.81,82.

⁶ Osório, 1918. p.81.

⁷ Anuário do Distrito de Viana do Castelo, 1932. Viana do Castelo: Emp. Gráf. do “Notícias de Viana”, Vol.1, p.294



Fig. 2
Orfèvrerie Portugaise, in Auguste Racinet, 1888,
Le Costume Historique, (Medeiros, Pereira,
Botelho, 2009, p. 13)

e Lúcia Oliveira, de Santa Leocádia de Geraz do Lima (Paço, 1979, p. 21): “Por volta de 1960 iniciamo-nos como bordadeiras. Recebíamos os panos de linho de uma intermediária a quem entregávamos os trabalhos depois de prontos. Eram aventais onde os desenhos já vinham esboçados”.

O número de casas comerciais na cidade foi crescendo em número. E com o crescimento desta indústria voltada para a venda de bordados a turistas, milhares de mulheres das aldeias e freguesias do concelho bordavam para satisfazer esta procura. O magro rendimento desta actividade, feita entre a lide do campo e outros afazeres mal dava para suprir as necessidades. Bordavam por vezes para mais que uma casa ou loja comercial. Quando o trabalho se encontrava pronto, lavado e engomado, dirigiam-se à cidade para entregar e serem pagas (Pires, 2009, p.169).

Com o fim do Estado Novo e a revolução de Abril de 1974, muitas bordadeiras dedicaram-se a outras actividades mais lucrativas ou emigraram. São hoje em número reduzido as que bordam e possuem idades avançadas.

Estas mulheres são ainda hoje estranhamente anónimas. Salvo os depoimentos recolhidos por António Paço a restante bibliografia é silenciosa, preferindo antes mencionar as suas impulsionadoras. Esta não é uma questão de somenos se tivermos em conta outras questões de comor aferir se estas mulheres sabiam desenhar e fazer o decalque nos seus bordados, perceber até que ponto tinham liberdade criativa e contribuíram para o próprio design e características do bordado de Viana.

Nos seus textos cita o nome de algumas bordadeiras, com destaque para Maria das Doures Doura⁸ “célebre bordadeira de Santa Marta de Portuzelo, que em 1904 foi condenada ao degredo” em África (facto pelo qual se tornou conhecida); aí “encontrou forças (...) para confeccionar uma magnífica peça bordada que ofereceu à rainha D. Amélia, por ocasião do seu aniversário”. Cita também Angélica de Sousa Pereira, da freguesia de Lanheses: “Não me sinto compensada com este trabalho. (...) Dada a escacez de ganhos sou forçada a ter mais uma ou outra tarefa como transportadora de uma mala dos correios”. (Paço, 1979, p. 28). Das décadas de 60-70 para os dias de hoje algumas coisas se mantêm. O bordado confere um rendimento complementar a estas mulheres com pouca ou nenhuma escolaridade, e ainda assim mal pago.

Em entrevista conduzida em junho deste ano a Dna. Albertina Amorim e Dna. Maria dos Prazeres Esteves Ribeiro, ambas bordadeiras, nos confirmam que realizam muitos dos seus bordados sem decalque, outros são executados segundo o pedido da encomenda com desenho prévio, mas são pagas à peça e não à hora. Avançando para aspectos de design propriamente dito, o bordado de Viana do Castelo possui características próprias e que o distinguem de outros bordados portugueses; isso deve-se não tanto à aplicação de pontos, mas à forma e criatividade do desenho e dos elementos que o compõem: corações, japoneiras,



Fig. 3

Traje de Viana do Castelo. Litografia de Manuel Macedo in *Álbum de Costumes Portugueses*, 1888. (Medeiros, Pereira, Botelho, 2009, p. 124)

⁸ Nascida em 1861, e falecida em 1948 (Paço, 1979, p. 17).

flores-coração, trevos, flores, marias e mariões e outros elementos de ligação ou de preenchimento (Pires, 2012).

É sabido que quanto mais exacto for o desenho e o decalque, melhor será o resultado obtido pelo bordado no tecido. Assim é consensual que as primeiras peças bordadas obedeciam a critérios de geometria, e simetria da composição. Isso só pode ser alcançado com um desenho prévio, o chamado “risco”, que depois de transferido do papel para o tecido, é que é bordado.

No entanto, é necessário evidenciar aquilo que a bibliografia e entrevistas realizadas já referiram: muitas bordadeiras realizavam o desenho no tecido sem risco ou decalque prévio, fazendo de cabeça. Talvez por força da repetição e do à vontade nestas tarefas, nomeadamente em peças pequenas.

Estas duas situações não se excluem. Ambas as técnicas foram e são realizadas durante muito tempo até hoje. Embora o resultado do bordado seja diferente: “Embora numa ou outra situação a casa mãe tenha, por vezes, a tempo inteiro, uma desenhadora, ainda é muito frequente a bordadeira riscar ela mesmo o trabalho. Enquanto no primeiro caso existe um maior controle na definição do desenho final, por parte da entidade organizadora, no segundo esse controle quase não existe, o que ajuda a explicar muita da desqualificada banalização do desenho que hoje se verifica.” (Pires, 2012, p. 14).

Assim por exemplo são conhecidos os desenhos de Maria Cândida de Abreu de Lima doados em 2012 ao Município de Viana do Castelo, que pertencendo à mesma geração das irmãs Tinoco e Luísa Cerqueira aderiram a esta actividade e “enriqueceram ao introduzir novas temáticas e o rigor do desenho. A filigrana por exemplo, assume-se como motivo de destaque em muitos bordados.” (Lima, 2012, p. 2012).

No leque de nomes ligados à criação de desenhos e riscos não podemos esquecer Engrácia Enes Pereira (1918-1994) natural de Carreço, com flores “primorosamente desenhadas” (Pires, 2012, p. 48).

Mas bordadeiras houve que também possuíam os seus desenhos e riscos como Laura Angélica de Sousa Pereira, freguesia de Lanheses, bordadeira de toalhas com desenhos da sua autoria (Paço, 1979, p. 28).

Em jeito de resumo, importa reconhecer o nome de algumas criadoras de riscos e desenhos que inegavelmente contribuíram para sedimentar uma certa estética do desenho e bordado de Viana do Castelo, e que inúmeras outras bordadeiras, umas mais talentosas que outras também tinham os seus desenhos. Não cabe no âmbito deste trabalho estudar a evolução estética dos principais elementos que compõem o bordado de Viana; ou em outras palavras o estudo de uma gramática decorativa. Seria interessante recolher as inúmeras variações dos principais elementos (corações, trevos, flores, etc.) e elaborar um manual onde a criação de um novo desenho fosse mais fácil, e a sua aplicação a novos produtos, mais contemporâneos e ligados a formas de consumo moderno.



Fig. 4

Bordadeiras de Perre na Exposição de Artesanato de 1967, com organização de Amadeu Costa. (Sítio da internet: Memórias da Romaria 1960. Em linha: <https://www.memoriasdalaromaria.pt/romaria1960/>)

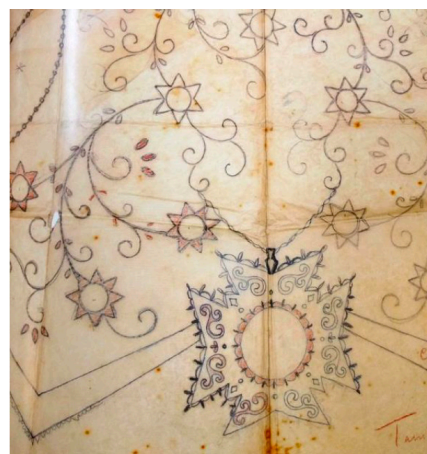


Fig. 5

Risco com motivos da filigrana da autoria Maria Cândida de Abreu de Lima (Lima, 2012, p. 57).

Resultados e principais conclusões

Com o início do século XX, transformações económico-políticas e sociais, levaram à implantação da República, e entrada de Portugal na 1ª Grande Guerra; transformações essas que quebram e transformaram o ritmo e cadência lentos de um mundo rural.

Estudiosos e intelectuais à época dando conta deste fenómeno vão promover nas primeiras décadas do século XX, certames e atividades locais de cariz etnográfico e folclórico, forjando uma certa identidade de pertença cultural, apoiada num mundo rural que acham em vias de extinção. Neste contexto Geminiana Branco ocupa um lugar de destaque ao promover e em certa medida recriar um certo bordado que existia, e era praticado por camponesas na confeção dos seus trajes, hoje denominados de traje à vianesa. O bordado de Viana teve pois no traje a sua inspiração direta, executado por mulheres e para mulheres do campo. É, no entanto, inegável o papel da sua primeira impulsionadora, a quem outros nomes se vão juntar. Para tanto é evidente que há época existiam bordadeiras, apenas não lhes conhecemos o nome, excetuando o nome de Maria das Dores Doura em 1904 por ser noticiada na imprensa local por crime grave.

As bordadeiras do bordado de Viana do Castelo, excetuando um ou outro nome vão atravessar o século incógnitas. Vivem nas freguesias rurais do concelho, aceitam bordar para as casas regionais da cidade, empregando apenas mão de obra, uma ou outra vez alguma criatividade, pelo que existiam bordadeiras que sabiam riscar. O bordado foi visto como um rendimento extra que poderiam auferir, realizado nos intervalos de outras atividades ou trabalhos agrícolas. Daqui se depreende que o valor pago seria baixo. Não são conhecidas bordadeiras que tenham vivido exclusivamente desta atividade, o que é demonstrativo do baixo rendimento que esta atividade lhes trouxe. Pelo lado oposto, o número de casas comerciais na cidade, armazenistas e até intermediárias que investem em matérias-primas, e que criam desenhos e riscos, levam a criarem negócios lucrativos. Algo do momento inicial criado por Geminiana Branco se perdeu pelos anos 60, quando o bordado de Viana do Castelo se massificou para exportar e vender a turistas, sem ter em conta a condição da mulher bordadeira. A qualidade, rigor do desenho e composição degradou-se.

Pelo que percebemos nunca houve uma verdadeira intenção de autonomizar financeiramente estas mulheres bordadeiras, pagas à peça e não à hora. A falta de reconhecimento e de remuneração levou-as a emigrar e procurar outros empregos.

O desequilíbrio de forças entre a bordadeira e a casa comercial que contrata foi e é grande. A consciencialização do trabalho de bordar por parte da bordadeira, do seu labor, deve ser feito.

Hoje são poucas as bordadeiras e poucas as pessoas que sabem bordar. O ensino

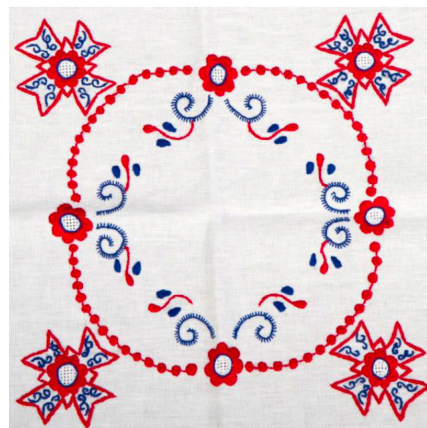


Fig. 6

Centro de toalha bordada no bordado de Viana, certificada e com centro bordado com motivos filigrana. (Foto das autoras).

oficial, retirou dos seus programas as disciplinas que envolviam a aprendizagem de técnicas relacionadas com os antigos ofícios. Logo o bordado.

Urge assim criar iniciativas locais voltadas para o ensino formal e não formal destas atividades. Neste campo o design poderá ser uma poderosa alavanca. O bordado de Viana do Castelo precisa de encontrar novos públicos, repensar os produtos: fazer um bordado que seja capaz de ser consumido pelo mundo moderno. E precisa de reinventar a sua gramática decorativa: ou seja: proceder ao levantamento dos estilos, e elementos decorativos que marcaram o bordado de Viana ao longo do tempo, numa espécie de manual que irá capacitar quer bordadeiras, designers e criativos mais jovens a inovar e usar da criatividade.

Bibliografia

ABREU, Alberto Antunes de, (2005). *Os bordados de Viana do Castelo*. Viana do Castelo : Câmara Municipal.

BASTO, Cláudio (1917) *Arte Popular: Exposição de labores em Viana do Castelo*

In: Lusa: Revista quinzenal ilustrada de investigações regionais, ciencias e letras / Dir. Cláudio Basto. Viana do Castelo. 1917. Ano I, n.º 12. P. 13-14.

BASTO, Cláudio (1939) *Bordados de Viana do Castelo* In: Silva Etnográfica. Porto: Edições de Marânus, pp.7-18. Ilust.

BRITO, Thaís Fernanda Salves de. (2019) *Narrativas e Tecidos Bordados*. Cadernos de Arte e Antropologia [Online], Vol. 8, No 1. Consultado o 18 julho 2022. URL: <http://journals.openedition.org/cadernosaa/1949>; DOI:<https://doi.org/10.4000/cadernosaa.1949>

LIMA, Rui de Abreu, (2012). *Maria Cândida Tinoco de Abreu de Lima : bordados, riscos e leques*. Viana do Castelo : Câmara Municipal, 2012. - 63 p. : muito il. ; 21 cm. - ISBN 978-972-588-228-3

MEDEIROS, António, PEREIRA, Benjamim, BOTELHO, Alpuim, (2009). *Uma Imagem da Nação: Traje à Vianesa*. Viana do Castelo, Câmara Municipal de Viana do Castelo.

MELO, Luísa Cândida de Vasconcelos Costa e. (1948). *Linguagem dos bordados regionais de Viana*. In: Arquivo do Alto Minho: repositório de estudos e documentos regionais. Viana do Castelo: Arquivo do Alto Minho, 1945?-1984. - Vol. 3, fasc. 3, (1948), p. 125-131.

OSÓRIO, Ana de Castro, (1918). *Bordados de Viana do Castelo*. In: Lusa: Revista quinzenal ilustrada de investigações regionais, ciencias e letras / Dir. Cláudio Basto. Viana do Castelo. 1918. Ano II, n.º 35. 15 Ago. pp.81 a 83

OSÓRIO, Ana de Castro, (1933). *Arte regional*. In: Almanaque ilustrado de “O Comércio do Lima” . n.º 8. Pp. 151-153 19

PAÇO, A. (1979) *Etnografia do Alto Minho: Distrito de Viana do Castelo. Trajes, folclore, artes populares*. Colectânea de Estudos Regionais. Viana do Castelo.

PEREIRA, Benjamin Eanes 2009 [1965]. *Bibliografia Analítica de etnografia Portuguesa*. Lisboa, Instituto dos Museus e da Conservação. (edição em formato electrónico).

PIRES, Ana et.al. (2009). *Fios: formas e memórias dos tecidos, rendas e bordados*. Lisboa: Instituto do Emprego e Formação Profissional. - ISBN 978-989-638-033-5

PIRES, Ana (2012). *Caderno de especificações do bordado de Viana do Castelo*. 2.ª Ed.Viana do Castelo: Câmara Municipal.

VIANA, Hermenegildo (2019). *Entre linha cruzadas: formas de expressão* [Catálogo de exposição]. Viana do Castelo: Câmara Municipal.

WASSON, Christina (2000). *Ethnography in the Field of Design*. Human Organization. Vol. 59

